

A comunicação popular no contexto das tecnologias da informação

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar novas tendências da comunicação popular, originadas no âmbito dos movimentos sociais, suas relações com as tecnologias digitais atuais e seu resultado como um processo de comunicação que atua diretamente na formação do indivíduo e no seu papel como cidadão. A pesquisa foi embasada em diversos autores das teorias da comunicação que ajudam a elucidar o papel da comunicação popular no contexto das novas tecnologias da informação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação popular. Estudos de linguagens. Tecnologia.

Vanuza Santos Wistuba

vanuza.jornalista@gmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Marcelo Fernando de Lima

marcelolima@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

Todo o discurso é uma forma de transformar uma ideia em realidade. Verbalizando as ideias, elas se tornam, de alguma forma, uma verdade. O discurso não é somente transmitido por palavras. Também está presente nos cenários, na forma de apresentação de uma imagem, na entonação, ou seja, no contexto como um todo.

Para Patrick Charaudeau (2013, p. 33),

[...] a informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo. Assim se produziria um ato de transmissão que faria com que o indivíduo passasse de um estado de ignorância a um estado de saber, que o tiraria do desconhecido para mergulhá-lo no conhecido, e isso graças à ação, a priori benévola, de alguém que, por essa razão, poderia ser considerado um benfeitor.

Segundo Charaudeau (2013, p. 253), é lógico que as mídias definem o que vai se tornar visível no momento em que escolhem o que irão exibir. Também é muito claro que a escolha feita pela mídia dos fatos que devem se tornar visíveis é, na maioria das vezes, muito diferente do que o cidadão espera ou deseja. “Agenda midiática, agenda política e agenda cidadã não são sempre as mesmas”.

Para cobrir essa lacuna, surgiu e se consolidou a comunicação popular. Segundo Cicilia Peruzzo (2003, p. 247), a comunicação popular nasceu ligada a movimentos populares como uma alternativa de canal de expressão, meio de mobilização e conscientização da população mais pobre e submetida a carências de toda espécie.

O presente estudo tenta verificar, por meio de uma reflexão teórica embasada em diversos autores das teorias da comunicação, as novas tendências da comunicação popular, originadas no âmbito dos movimentos sociais, suas relações com as tecnologias digitais atuais e seu resultado como um processo de comunicação que atua diretamente na formação do indivíduo e na cidadania.

O CONTEXTO E OS CONCEITOS

Neste estudo, iremos trabalhar com o conceito de comunicação popular definido por Peruzzo (2008, p. 2), como sendo a comunicação que

[...] representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina [...]. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação.

Embora cite os termos comunicação alternativa, participativa, horizontal, comunitária, dialógica e radical, Peruzzo (2008, p. 2) afirma que eles são constantemente utilizados como sinônimos, por todos possuírem “uma forma de

expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política”.

Alguns autores, no entanto, usam, muitas vezes, o termo comunicação comunitária como sinônimo de comunicação popular. Com esse viés, no livro *O espírito comum*, Raquel Paiva (2003, p. 49) define a comunicação comunitária como aquela “que efetivamente possa comprometer o indivíduo com o exercício de sua cidadania, que possa permitir-lhe uma atuação no seu real-histórico, podendo transformar, inclusive, sua existência e a das pessoas à sua volta”.

E é nesse contexto que, citando Ciro Marcondes Filho, Paiva (p. 136) ressalta o fator político presente na comunicação comunitária, uma vez que a comunicação é um instrumento de poder: “para ele, a vinculação entre jornalismo e comunitário e conceito político faz-se no sentido de que jornalismo comunitário é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe”.

Entretanto, com base nas obras de Michel Foucault (1992), podemos depreender que a institucionalização de qualquer forma de comunicação popular não deve ser vista sob o prisma de uma conquista histórica ou de uma celebração popular, pois, na verdade, representa uma forma de normatização e controle do sujeito comunicativo.

Foucault ressalta que a mídia, seja ela de cunho tradicional ou popular, pode agir com uma “naturalização da verdade” e como parte de uma sociedade “normalizadora”. Por isso, segundo o autor, a mídia é um elemento importante quando se fala em poder, e o surgimento da comunicação popular pode atuar como um “poder pastoral”, invisível, caracterizado por pequenos poderes locais e comunitários, sendo que esse “poder pastoral” é, na maioria das vezes, individualizante, pois busca fazer o bem geral por meio de uma forma de controle individual.

Apesar de as obras de Michel Foucault não serem dedicadas a analisar a mídia, há muita ligação entre as formas de poder e controle estudadas pelo autor e o controle exercido pelos meios de comunicação. Foucault, no livro *Microfísica do Poder*, que tem como objeto o século XVIII, ressalta que os reformadores desconheciam as condições reais de opinião e a mídia, “uma materialidade que obedece aos mecanismos da economia e do poder em forma de imprensa, edição, depois de cinema e televisão”. Eles desconheciam que era preciso “passar pelos media”

[...] e que estes media seriam necessariamente comandados por interesses econômico-políticos. Eles não perceberam os componentes materiais e econômicos da opinião. Eles acreditaram que a opinião era justa por natureza, que ela se difundiria por si mesma e que seria um tipo de vigilância democrática. No fundo, foi o jornalismo – invenção fundamental do século XIX – que manifestou o caráter utópico de toda esta política do olhar (FOUCAULT, 2005, p.125).

Ao olharmos por esse prisma, a comunicação popular, por ser uma alternativa comunitária de informação e divulgação e, em sua maioria, ter como base a produção de notícias e a disseminação da informação comandada pelos próprios

agentes da comunidade, também se torna uma forma de poder e de controle em rede. No entanto, assim como defende Foucault (2007), as relações de poder podem ser ao mesmo tempo contraditórias e emancipadoras. Afinal, elas não podem deter os sujeitos que lutam pela liberdade permanentemente, já que, para eles, a possibilidade de escapar está sempre aberta, e, como afirma Foucault (2007, p. 91), “lá onde há poder há resistência”. Dessa forma, a comunicação popular pode ser vista como uma forma de “fuga” dessa condição e um mecanismo que nasce para diminuir essas diferenças.

Nesse sentido, podemos pensar nas mídias que funcionam por meio de veículos populares e comunitários, com alcance reduzido e com tiragem pouco expressiva, mas com grande impacto em termos de questionamento, como mecanismos de resistência aos aparatos de dominação da mídia tradicional e suas grandes corporações com ampla força política e econômica.

NOVAS TENDÊNCIAS

Impulsionada pelo desenvolvimento da internet e das mídias sociais, a comunicação popular passou a ser um importante e influente meio de comunicação usado pelas classes sociais excluídas das pautas da mídia tradicional. Afinal, conforme ressalta Cattani e Holzmann (2011, p. 391), assim como qualquer produção humana, a tecnologia também de ser pensada no contexto das relações sociais desenvolvimento histórico.

De acordo com Martino (2007, p.158), a tecnologia, desde o advento da modernidade, tem sido usada como uma forma de libertação. Embora de suma importância, essa liberdade precisa ser usada com cautela, pois quando se fala em tecnologia empregada em comunicação, é necessário prestar atenção na forma de uso para que não se torne uma força contrária e influencie no que se está querendo transmitir. Afinal, para Martino, as mudanças na edição geram mudanças no sentido, pois, mesmo ao lidarmos com fatos reais, a montagem de uma reportagem traz um novo discurso, criado a partir da seleção.

Segundo Álvaro Vieira Pinto (2005, p. 123), qualquer máquina ou criação tecnológica deve se ajustar às necessidades da realidade, senão seria uma criação absurda. O autor ressalta que a máquina está sempre a serviço do ser humano, que a cria para ter condições mais convenientes de produzir algo de forma mais assertiva. E essa é uma das características principais da comunicação comunitária aliada à tecnologia digital: a capacidade de ampliar o acesso das pessoas à comunicação por meio da internet e de se tornarem não somente atores dos conteúdos, mas também produtores e disseminadores das informações geradas.

O uso da tecnologia para ampliar a participação popular é determinante no resultado do conteúdo a ser divulgado – aqui entendido como a linguagem, a forma, o conteúdo, e como ele é percebido pelo receptor, visto que até mesmo a seleção do que é divulgado interfere na construção da percepção do leitor da realidade.

Embora com enfoques e seleção de pautas diferentes, e proporção de disseminação muito maior, o mesmo acontece na imprensa tradicional. Afinal, conforme afirma Charaudeau (2013, p.242), o acontecimento, seja ele relatado pelo jornalista que cobre *in loco*, seja descrito por agências de notícias e/ou jornalistas longe do fato, sempre é um objeto de interpretação, pois, “ao entrar na

máquina de informar, passa por uma série de filtros construtores de sentidos, e o relato resultante, assim como seu comentário, escapam à intencionalidade de seu autor”.

Para Martino (2007, p.121), “se a construção da história – e, portanto, da realidade – não é notada pelo indivíduo, é necessário encontrar um meio de estudá-la. As notícias, conquanto não sejam retratos fiéis do senso comum, oferecem ao indivíduo os signos necessários à compreensão dos modos de ação do cotidiano”. Ao pensarmos que a linguagem é o condutor de todo esse processo, a análise não só do conteúdo, mas da linguagem e da forma selecionada para divulgar o tema se fazem imprescindíveis. Nesse ponto, reside a importância da comunicação popular como alternativa para uma comunicação feita pela comunidade e para a comunidade. E essa forma de comunicação ganha agilidade, alcance, força e amplia a possibilidade de participação com o uso da internet como meio de divulgação.

Isso porque, conforme afirma Pinto (2005), a linguagem que circula na internet, porque o meio assim o exige, é, na maioria das vezes, acessível a um grande número de pessoas. Essa característica, aliada ao poder de alcance e da interatividade, torna o meio digital ideal para os veículos de comunicação popular. Afinal, para o autor (2005, p. 493), a expansão da informação favorece a democratização da sociedade, uma vez que proporciona que todos tenham acesso aos mesmos conhecimentos.

Grinspun (2009) defende que a evolução da tecnologia torna-se fria se não estiver a serviço da cultura e da vida: “O que vemos é que esta evolução vai formando uma cultura onde a tecnologia se toma imprescindível. A técnica é fria e objetiva; a cultura que se vale da técnica e da tecnologia é que levanta a questão do sentido da vida e da busca dos valores que deseja privilegiar” (p. 78).

O uso das tecnologias digitais pela comunicação comunitária busca esse sentido de colocar a tecnologia a serviço das pessoas, mas é preciso cuidar da linguagem. Afinal, segundo Marcuschi (2010, p. 153), qualquer mensagem veiculada em sites deve ser escrita de forma a atingir todo tipo de público, por isso o autor deve estar muito atento à escolha da linguagem, uma vez que “não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos”.

Na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (1997), o único objeto real e material de que dispomos para entendermos o fenômeno da linguagem humana é o exercício da fala em sociedade. Bakhtin ressalta que a linguagem, assim como o mundo, está sempre em movimento e em transformação e que a linguagem é sempre portadora de sentidos sociais:

Assim, por trás de cada texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto. Porém, ao mesmo tempo, cada texto (em sua qualidade de enunciado) é irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu desígnio, aquele para o qual foi criado). É com isso que ele remete à verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história. Em relação a esta função, tudo o que é repetitivo (p. 331).

Para Bakhtin (2002, p. 121), a comunicação é um ato muito maior do que uma simples troca entre emissor e receptor. A informação é acrescida da participação direta e indireta de seus interlocutores, que levam junto seus valores, suas

convicções e sofrem influência das relações sociais e das hierarquias existentes. A interação constituída por dois ou mais indivíduos socialmente organizados, “na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos (1997, p. 311)”, é o que importa e que irá dar significado ao ato de comunicação em si. E, por meio dessa relação, interage-se com o outro e cria-se, por meio da língua, um ato de interação social. Ou seja, para Bakhtin (202, p. 121), “a enunciação enquanto tal é um produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições da vida de uma determinada comunidade linguística”.

Na comunicação comunitária, essa interação, no sentido dado por Bakhtin, serve para que esta seja não somente mais um meio de comunicação, mas sim uma alternativa popular de informação e divulgação, que, em sua maioria, tem como base a produção de notícias e a disseminação da informação comandada pelos próprios agentes da comunidade. É uma maneira de se apropriar da linguagem e da tecnologia para transformar a vida das pessoas geralmente excluídas da comunicação tradicional.

Em parte, por essas características, somadas à popularização da internet e das mídias sociais, as tecnologias digitais passaram a ser um dos mais importantes e influentes meios de comunicação usados pela comunicação popular para atingir seu objetivo de falar com pessoas de todas as classes sociais.

Desde a criação da internet, quando os cientistas do Departamento de Defesa dos EUA criaram uma tecnologia que permitia a comunicação remota entre computadores, a ARPANET, inaugurada em 1969, a intenção principal não foi proporcionar a comunicação entre computadores por meio de uma tecnologia que ajudasse a criar redes, mas acabou sendo uma de suas consequências.

O poder de alcance da internet e a facilidade de formar redes de pessoas ligadas a uma causa e/ou a interesses em comum passou a ser utilizado pelos movimentos sociais e comunidades a fim de fortalecer suas ações e aproximar pessoas em torno de seus projetos e suas lutas. Unido a esse poder de alcance, a interatividade proporcionada pelas novas tecnologias e redes sociais possibilitou que cada pessoa pudesse ser ator na disseminação das causas e agente de informação e divulgação das ações, projetos e valores defendidos pelas entidades e comunidades. Dessa forma, a comunicação comunitária ganhou mais produtores de notícias, que aumentaram o alcance das divulgações e, com isso, aumentaram cada vez mais suas redes.

Segundo Marcuschi, é importante lembrarmos que, em nenhuma sociedade, e muito evidentemente no Brasil, o acesso digital é considerado universal, visto que isso depende tanto da conquista do letramento digital por todas as pessoas quanto do acesso à internet de forma mais ampla e democrática. No país, ainda há um grande número de pessoas que ainda se encontra à margem do fenômeno da sociedade da informação. Afinal, “ninguém consegue ter acesso a tudo o que está na rede, pois as trocas no ciberespaço funcionam como quaisquer outras. Ou seja, estão vinculadas às condições de produção e circulação do discurso (conhecimento, acesso etc.)” (2010, p. 169). Assim, do mesmo modo que a internet é um espaço perfeito para o uso da comunicação popular, contraditoriamente também é um espaço que controla o acesso das pessoas a essas informações.

Ainda segundo Marcuschi (p. 169), a interatividade da rede é intrínseca e, de certa forma, a internet é um espaço democrático, mesmo não sendo universal, o

que “significaria falar de uma diversificação de vozes”. Essas são algumas das características que tornam a internet o meio ideal a ser explorado pela comunicação popular.

Para Peruzzo (2003), a comunicação popular aparece justamente como uma alternativa de canal de expressão para colocar os assuntos da comunidade em destaque e provocar o debate entre os seus integrantes e as demais pessoas da sociedade:

Nessa perspectiva, a comunicação popular, que hoje chamamos de comunitária, surge e se desenvolve articulada aos movimentos sociais como canal de expressão e meio de mobilização e conscientização das populações residentes em bairros periféricos e submetidas a carências de toda espécie de escolas, postos de saúde, moradia digna, transporte, alimentação e outros bens de uso coletivo e pessoal, em razão dos baixos salários ou do desemprego (p. 247).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo acima, podemos concluir que o uso das tecnologias digitais pela comunicação popular para aumentar o alcance de suas produções passa a ser uma consequência da evolução, visto que, segundo Benjamin (2012, p. 184), “fazer as coisas ficarem mais próximas é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutibilidade”.

Dessa forma, a comunicação popular serve como o espaço por meio do qual pode ser formada uma comunidade em rede, vista como conjunto de cidadãos participantes, comprometidos com o bem-estar social, usando o veículo de comunicação como meio para o acesso à cidadania, a interatividade como forma de ampliar horizontes e o debate, a horizontalidade do discurso e das ações como trampolim para pleitear seu lugar na sociedade.

Nesse sentido, aliada às tecnologias digitais, a comunicação popular está a serviço da democracia e pode tornar-se instrumento de cidadania e de justiça social, criando redes, novos espaços de comunicação, de sociabilidade e de organização, e quem sabe também novos espaços de informação e de conhecimento.

Popular communication in the context of information technologies

ABSTRACT

The objective of this work is to study new trends in popular communication, originated within the scope of social movements, their relations with current digital technologies and their result as a communication process that acts directly in the formation of the individual and in his role as citizen. The research was based on several authors of communication theory that help to elucidate the role of popular communication in the context of the new information technologies.

KEYWORDS: Popular communication. Language studies. Technology.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **O Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GRINSPUN, Míriam P. S. **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio e XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINO, Luís. M. S. **Estética da comunicação: da consciência comunicativa ao eu digital**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling e ALMEIDA, Fernando Ferreira de. **Comunicação para a cidadania**. Salvador/São Paulo: Intercom/UNEB, 2003.

_____. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. **Revista Palavra Chave**, vol 11, n. 2 (2008), Universidad

de La Sabana. Colômbia. Disponível em:
<http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto: 2005.

Recebido: 6 mar. 2017.

Aprovado: 10 mar. 2017.

DOI: 10.3895/rde.v8n12.5625

Como citar:

WISTUBA, V.S. A comunicação popular no contexto das tecnologias da informação. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 8, n. 12, p. 154-163, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utpr.edu.br/rde>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

